



Fraternidade Leigos Cavanis
Casa Sacro Cuore, ISTITUTO CAVANIS
Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MONASTÉIRO INVISÍVEL – 02.12.2024

Caríssimos!

*enquanto, na iminência do tempo do Advento, estou prestes a escrever estas notas, por acaso me detive na bela história que Lucas dedica ao encontro de Jesus com Zaqueu e as percebi como significativas para nós, para o nosso caminho associativo. Depois de muitas reflexões sobre a oração, alimentadas pela sugestão das parábolas usadas por Jesus (a viúva insistente, o fariseu e o publicano, ...), no encontro com Zaqueu, a cena se irrompe em experiência concreta; no texto nos é mostrado um duplo movimento: Jesus entrando na cidade de Jericó e atravessando-a e Zaqueu correndo na frente e subindo em uma figueira. Lucas também diz de Zaqueu que “ele tentou ver quem era Jesus”; este é o ímpeto que desencadeia a ação de Zaqueu: ele quer ver Jesus e, para superar os impedimentos que não o permitem, corre na frente e sobe numa figueira. Esta iniciativa de Zaqueu suscita a consequente de Jesus que olha para ele e lhe diz: “Zaqueu, desce depressa, porque hoje preciso entrar na tua casa!”. Assim como na dinâmica sacramental, dois âmbitos precisos de relevância e de ação podem ser reconhecidos: a ação de Deus que se inclina para ir ao encontro do homem e para o elevar (o que a teologia chama **opus operatum**) e a ação do homem que se prepara para encontrar a graça e acolhê-la (**opus operantis**, segundo a mesma linguagem teológica). Do encontro entre estas duas liberdades, a de Deus e a do homem, nasce a conversão. Jesus entra na casa de Zaqueu e Zaqueu, por sua vez, dá a metade de seus bens aos pobres e, do que roubou, devolve quatro vezes mais. Não há um pedido a Zaqueu para agir dessa maneira; é simplesmente novo e diferente, depois do encontro com Cristo, é o seu modo de ver a realidade e, portanto, a sua própria ação. Verdadeiramente, em Jesus de Nazaré, Deus mostra aquele rosto de si mesmo que o próprio evangelista delineia assim: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento”. Deixemos que o Espírito Santo nos guie das páginas do Evangelho para a concretude da vida e peçamos-lhe um olhar de fé para sentir em nós o mesmo desejo de ver Jesus que Zaqueu sentiu. Nossa realidade associativa, com suas limitações e a pobreza de meios à sua disposição, pode muito bem ser o que a pequena figueira foi para Zaqueu. Subi-la significa reconhecê-la como a oportunidade concreta e histórica que Deus nos oferece para encontrar Jesus e sair de uma maneira nova ao encontro dos nossos irmãos e irmãs. Nossa figueira é certamente a mesma árvore plantada pelos veneráveis irmãos Cavanis, há mais de dois séculos, e cujos galhos cresceram ao longo do tempo para que nós também pudéssemos abrigar-nos.*

Do Evangelho segundo Lucas (19:1-9):

Jesus tinha entrado em Jericó, e estava atravessando a cidade. Havia aí um homem chamado Zaqueu: era chefe dos cobradores de impostos, e muito rico. Zaqueu desejava ver quem era Jesus, mas não o conseguia, por causa da multidão, pois ele era muito baixo. Então correu na frente e subiu numa figueira para ver, pois Jesus devia passar por aí. Quando Jesus chegou ao lugar, olhou para cima e disse: “Desça depressa, Zaqueu, porque hoje preciso ficar em sua casa.” Ele desceu

rapidamente e recebeu Jesus com alegria. Vendo isso, todos começaram a criticar, dizendo: “Ele foi se hospedar na casa de um pecador!” Zaqueu ficou de pé e disse ao Senhor: “A metade dos meus bens, Senhor, eu dou aos pobres; e, se roubei alguém, vou devolver quatro vezes mais.” Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também este homem é um filho de Abraão. De fato, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.”

Massimo Mazzuco

Pe. Diego Spadotto, Em memória do 249º aniversário do P. Antonio Cavanis: Se quisermos vencer as trevas, deixemos brilhar a santidade, em www.santitacavanis.org/fratelli-cavanis/documenti/, doc. nº 11.

*A história da Causa de Beatificação dos Veneráveis Servos de Deus Pe. Antônio e Pe. Marcos Cavanis é longa, com interrupções, retomadas, muitas amnésias e eletrocardiogramas de confiança na santidade de suas vidas. Houve dois momentos de certa atividade com os postuladores **Pe. Aldo Servini e Pe. Giovanni De Biasio**. De resto, muito cansaço repetitivo na recitação da “oração” pela beatificação, sem novidades. **“Pense em um piano. As teclas começam e terminam. Você sabe que são 88. Elas não são infinitas. Você é infinito, e dentro dessas tonalidades, infinita é a música que você pode tocar”** (A. Baricco), digamos que somos poucos e pouco conhecidos, apenas “88”, e por isso não tentamos tocar uma música nova e simples, para espalhar devoção aos **“santos de nossa casa”**. Não somos capazes de tocar uma música de santidade como eles: sempre intérpretes fiéis e autênticos da Palavra de Deus, ao longo de suas vidas. Talvez ainda não tenhamos compreendido onde está a beleza e a originalidade da santidade deles. Se hoje, na Congregação, ainda resta um pouco de santidade, devemos isso a eles. Não nos lamentemos se eles ainda não foram declarados Beatos e Santos pela Igreja. Em vez disso, ajudemos a Igreja a declará-los santos, tornando-nos santos nós mesmos. Se quisermos superar a escuridão, acendamos a luz e paramos de gritar no escuro.*

*A santidade de Pe. Antônio e de Pe. Marcos que o Senhor nos dá todos os dias, não temos o direito de guardar para nós, devemos pô-la ao serviço da Igreja e do mundo dos jovens, caso contrário apodrecerá na nossa mediocridade. A crise sanitária, econômica, social e eclesial é uma oportunidade propícia para uma breve reflexão sobre o significado da crise de santidade em nossa vida religiosa e para não confundir a crise com o clima de conflito que continua a se espalhar na Congregação. As crises geralmente têm um resultado positivo, enquanto os conflitos sempre criam competição, antagonismo entre pessoas divididas em amigos para amar e inimigos para combater. Nas crises, podemos conservar uma grande paz e serenidade, na plena consciência de que todos somos apenas **“servos inúteis”** (Lc 17, 10), aos quais o Senhor mostrou misericórdia.*

(...)

*A Congregação não pode continuar sendo um corpo em conflito, com vencedores e perdedores, porque **“assim espalhará medo, se tornará mais rígida, menos sinodal e imporá uma lógica uniforme e padronizadora, tão distante da riqueza e da pluralidade que o Espírito deu à Congregação”**. Neste sentido, toda a resistência que fazemos para entrar num caminho de santidade, deixando-nos guiar pelo Espírito, condena-nos a permanecer sozinhos e estereis. Não impeçamos a obra da Graça de Deus que quer se manifestar em nós e através de nós. Se realmente queremos uma mudança, devemos ter a coragem de uma disposição total de conversão para caminhar em santidade de vida. Tem que parar de pensar nas mudanças como um remendo de em veste velha. Não se trata de remendar um hábito, porque a Congregação não é uma simples “veste”, mas uma história de santidade. **“Revesti-vos de Cristo que é o mesmo ontem, hoje e sempre!”** (Hb 13,8), para que fique claro que a graça nos é dada, não vem de nós, mas de Deus. É o Senhor que nos santifica. É bom lembrar que o primeiro propósito de ser consagrado é a busca constante da **“santificação pessoal”**. A santidade não pode ser enganada de acordo com as palavras de Jesus: por mais caiados que os tsepulcros sejam, são sempre sepulcros.*

